

Agricultura Familiar e sua Identidade Cultural no Espaço Rural

Evandro De Oliveira¹

Resumo

O presente artigo tem por objetivo discutir a identidade cultural da agricultura familiar no meio rural. Através de uma revisão de literatura procuramos identificar as características que permeiam o ambiente rural, tornando o mesmo um meio híbrido, ou seja, tentamos argumentar que a cultura rural é uma cultura híbrida e não uma cultura rural “pura”. Por fim, entendemos que essa cultura rural tem por consequência uma hibridização da identidade do agricultor, pois a identidade dos atores é formatada pelo meio em que vivem, uma vez que o meio que os produtores estão inseridos é um ambiente cultural híbrido, suas identidades culturais também terão essa mesma característica. Este trabalho é um produto advindo de uma pesquisa realizada na disciplina de Territórios e identidades culturais do mestrado em Desenvolvimento rural sustentável. Esta pesquisa iniciou-se em outubro de 2013 e foi finalizada em março de 2014, tendo por base a leitura de livros e artigos relativo aos temas: cultura, identidade e agricultura familiar.

Palavras-chave: Identidade, cultura, híbrida.

Family Farm and its Cultural Identity in Rural Area

Abstract

This article aims to discuss the cultural identity of family agriculture in rural areas. Through a literature review sought to identify the characteristics that permeate the rural environment, making it a hybrid medium, ie, we try to argue that rural culture is a hybrid and not a rural culture "pure" culture. Finally, we believe that this rural culture a consequent hybridization of the

¹ Tecnólogo em Gestão Ambiental e Mestre em Desenvolvimento Rural Sustentável.
evandro11oliveira@gmail.com

Recebimento: 10/10/2014 • Aceite: 04/11/2014

identity of the farmer, because the identity of the actors is formatted by the environment in which they are inserted, since the means that producers are inserted is a hybrid cultural environment, their cultural identities also have this same feature. This work is a product arising from a survey conducted in the discipline of Territories and cultural identities of the masters in sustainable rural development. This project began in October 2013 and was completed in March 2014, based on the reading of books and articles on the themes: culture, identity and family farming.

Keywords: Identity, culture, hybrids.

Introdução

Há dez mil anos da nossa era, algumas comunidades primitivas começaram a semear plantas e manter animais presos para multiplicá-los e usá-los em seu próprio benefício. Nesta mesma época esses seres escolhidos foram domesticados, com isso, a sociedade de coletores e caçadores transformou-se numa sociedade de cultivadores, que passou a modificar ambientes em todo o mundo (MAZOYER; ROUDART, 2010).

Após o surgimento e difusão da agricultura ela foi sendo aperfeiçoada pelo homem, sua evolução fica evidente com o decorrer dos anos. Na percepção de Mazoyer e Roudart (2010), ocorreu primeiramente a revolução agrícola antiga que teve como destaque o uso de ferramentas simples como a pá e a enxada, sistemas de cultivo de cereais pluviais com alqueive a utilização do arado escarificador. Séculos mais tarde ocorreu a revolução agrícola da Idade Média, que suscitou sistemas com alqueive² e tração pesada, como uso do arado charrua e da carreta. A primeira revolução agrícola dos tempos modernos se concretizou nos séculos XIV ao XIX, tendo por base o cultivo de cerealicultura com forrageiras, sem alqueive.

Em meados do século XX, inicia-se a modernização da agricultura. Esta modernização tem por características o uso de maquinários no meio

² Terra em que se lavra e se deixa em pousio para que descanse.

rural, o uso de insumos químicos e a transgênia. Os agricultores de pequeno porte, menos equipados e menos produtivos, deparam-se com um panorama favorável em favor da agricultura mecanizada, que simultaneamente desfavoreceu a agricultura familiar. Com isso, pequenos produtores vêem sua renda diminuir e inaptos de se desenvolverem foram esmiuçados e eliminados (MAZOYER; ROUDART, 2010).

No Brasil a situação não foi muito diferente. Na década de 1940, o número de habitantes na zona urbana brasileira era de 12,8 milhões e passou para 138 milhões no ano de 2000, e no ano de 2010 chegou a um total de 160,9 milhões (IBGE, 2010). Esse panorama deixa notório o aumento da urbanização devido ao êxodo rural. Além disso, os pequenos produtores também sofreram com as negligências das políticas agrárias. Segundo Bauinain *et al* (2003), as políticas públicas intensificaram o êxodo rural e limitaram o desenvolvimento rural e local. Isso ocorreu pelo fato destas políticas proporcionarem benefícios apenas para os grandes agricultores.

Na atualidade, a agricultura familiar está conectada aos mais diversos setores da sociedade contemporânea; tem ligações com grandes empresas para efetuar compras de insumos agrícolas; conexões com o mercado capitalista no qual busca a venda de seus produtos, entre outros. Estas redes nas quais a agricultura familiar está inserida, nos remete a uma pergunta; qual é a identidade cultural da agricultura familiar no período atual? Este trabalho buscará responder esta pergunta, ou seja, a pesquisa tem por finalidade compreender como esta constituída a identidade cultural dos agricultores familiares na atualidade e de que forma essa identidade cultural é formatada no âmbito rural. Relativo aos aspectos teórico-metodológicos, a pesquisa é de caráter bibliográfica no qual foram utilizadas obras que contém os seguintes temas: identidade, cultura e agricultura familiar. Foram estabelecidos recortes nas principais ideias dos autores e realizada uma articulação entre as mesmas para se alcançar o objetivo do trabalho.

O artigo esta dividido em quatro seções. Em um primeiro momento a pesquisa irá discutir o conceito de agricultura familiar. Num segundo

momento ressaltará as características presentes no contexto familiar, na terceira etapa explicaremos a pluriatividade, e por último demonstraremos como está constituída a identidade cultural da agricultura familiar na atualidade. Na sequência realizaremos uma abordagem sobre o conceito agricultura familiar.

O conceito de Agricultura Familiar

O conceito agricultura familiar ganhou ímpeto no Brasil na década de 1990. Essa expressão abarcou sob sua égide várias categorias sociais, entre as quais se destacam: assentados, arrendatários, parceiros, integrados à agroindústrias, entre outros, que não mais encaixavam-se nos termos pequenos produtores, trabalhadores rurais, etc (SCHNEIDER, 2003).

Segundo Abramovay *et al* (2005), dentre os países Latino-Americanos, foi no Brasil que o conceito agricultura familiar mais ganhou força entre os movimentos sociais, comunidades científicas e até políticas públicas. Abramovay *et al* (2005, p. 03), afirma que a expressão agricultura familiar não é apenas “um setor social e econômico, é um valor”, em outras palavras, o conceito reflete as diversas camadas da população rural que foram marginalizadas na história agrária, e que com a criação deste termo, começaram a ser valorizadas pelas políticas agrícolas e setores de pesquisa.

Buainain (2006) também debruçou-se sobre o tema. Para ele, a agricultura familiar possui um caráter multifacetado, no qual permeiam diversas características e fatores distintos, a citar: setor econômico, heranças culturais, formação histórica dos grupos familiares, diferentes meios de acesso e disponibilidade de recursos naturais e humanos, mercados distintos no qual estão inseridos, etc. Portanto, Buainain (2006) explicita que talvez seja um equívoco agregar a expressão agricultura familiar a estes diversos grupos distintos apenas por possuírem um princípio em comum, utilizar mão-de-obra familiar.

Buainain (2006) ainda enfatiza:

Nenhum critério ou metodologia é totalmente satisfatório, e nenhum está livre de certo grau de arbitrariedade. Em geral, o ‘corte original’ – ser ou não ser agricultor familiar – é feito tomando-se, como variável básica, a utilização de mão-de-obra familiar. Que proporção de trabalho familiar caracteriza um agricultor como familiar? A partir de que quantidade de trabalho contratado o agricultor deixa de ser familiar e passa a ser patronal? Qual a importância de fatores como herança cultural, tradições etc.? Todas essas questões são relevantes e despertam polêmicas tão intensas quanto inconclusas (BUAINAIN, 2006, p.18).

O autor também ressalta que a expressão agricultura familiar possui um valor político, que ajudou os grupos familiares a serem inseridos na agenda política brasileira (BUAINAIN, 2006).

Mesmo essa expressão tendo um caráter político, não se pode ignorar os questionamentos levantados pelo autor, ou seja, como conceber a agricultura familiar quando tantos aspectos relevantes são deixados de lado. Entretanto, Buainain explicita uma maneira de caracterizar a agricultura familiar enfatizando dois segmentos: a direção do estabelecimento deve ser exercida pelo produtor, e o trabalho familiar é superior ao trabalho contratado (BUAINAIN, 2006).

Procuramos, neste tópico, elucidar o conceito de agricultura familiar; a seguir mostraremos as características que permeiam este segmento social.

Características da Agricultura Familiar

Segundo Silva (1997), está cada vez mais difícil delimitar o que é rural e o que é urbano. Para este autor o rural está sendo uma extensão do

urbano, portanto, o rural não é mais concebido apenas por práticas agrícolas e pecuárias, nas palavras de Silva (1997, p. 01), “o meio rural brasileiro se urbanizou”. Como exemplo, pode-se enfatizar a agricultura, uma das principais atividades realizadas no espaço rural, integrou-se à economia concretizando sua consumação ao mercado capitalista, tornando-se dependente das indústrias para realizar a compra de insumos para a produção.

Esta “urbanização” do meio rural também atingiu a agricultura familiar. Segundo Buainain (2003, p. 321) “A agricultura familiar é um universo profundamente heterogêneo”. São diversas as facetas que vem integrando a identidade da agricultura familiar. A seguir mencionaremos algumas.

Segundo Abramovay (1990), a agricultura familiar que encontra-se integrada ao mercado econômico, perdeu seu caráter camponês, pois, apesar do campesinato e a agricultura familiar possuírem algo em comum, que é a mão-de-obra familiar, são nítidas as diferenças sociais que existem entre os dois segmentos. Enquanto a produção familiar que está inserida no mercado possui um pensamento de lucratividade, a agricultura camponesa ainda produz para a própria subsistência. O autor cita um exemplo que deixa notória essa disparidade. Abramovay faz um comparativo entre um suinocultor europeu no qual seu lucro depende do acordo realizado em Bruxelas, e o camponês da Índia que sua ligação com o mercado são as relações interpessoais que o mesmo possui. Nota-se, portanto, a perda da cultura camponesa em alguns estabelecimentos agrícolas.

Contudo, muitos costumes da cultura camponesa ainda subsistem em algumas propriedades familiares. Um exemplo é enfatizado por Tesche e Machado (2012), que explicitam a reciprocidade na agricultura familiar. Segundo os autores esta virtude de dar sem esperar nada em troca, ainda está muito presente na família rural fortalecendo os laços cooperativos existentes. Outro traço interessante é ressaltado por Finatto e Salamoni (2008), ambos enfatizam que a relação do produtor com sua propriedade é

muito forte, isso deve-se ao fato de muitas vezes este local ter sido herdado e pertence à mesma família por várias gerações.

Como foi dito anteriormente, a agricultura familiar possui ligações fortíssimas com o mercado. Estas ligações facultam sua sobrevivência na atualidade, porém alguns agricultores têm dificuldades de inserção e optam por formar associações e cooperativas de agricultores. Abramovay *et al* (2005) destaca este paradigma do meio rural. Para o autor, os empreendimentos coletivos promovidos por agricultores são verdadeiros exemplos de organizações que modificam os moldes empresariais existentes, em outras palavras, apresentam características dificilmente vistas em empresas capitalistas. Um exemplo a ser salientado são as associações e cooperativas formadas no Oeste do Paraná com o objetivo de auxiliarem os produtores na venda de seus produtos. Ainda na ideia de Abramovay *et al* (2005), a agricultura familiar, a partir da década de 1990, também adquire uma feição sindicalista, neste momento esta categoria social reivindica pautas como, alternativas de comercialização, formas de produção associadas entre outras reivindicações.

Os grupos familiares, que integram a categoria agricultores familiares, são muitos distintos entre si. Para salientar este fato, Buainain (2006) explicita que na região Sul do Brasil mais de 70% dos agricultores familiares vendem mais de 50% de sua produção, enquanto no Nordeste mais de 50% dos agricultores são poucos ligados ao comércio. Contudo, os agricultores do Nordeste vivem abaixo da linha da pobreza, e os agricultores do sul vivem relativamente melhor que os produtores do Nordeste. Este ponto reflete a preponderância que o mercado de comercialização tem para o agricultor familiar, e simultaneamente, deixa claro, a disparidades existentes entre “membros” da mesma categoria.

Outro segmento importante é o cunho político agregado pela agricultura familiar. Na atualidade muitos agricultores são filiados a partidos políticos e participam ativamente de eventos políticos que lhe podem trazer benefícios.

Como já foi exposto, são várias as facetas incorporadas pela agricultura familiar na contemporaneidade. A opinião de Buainain (2006), deixa claro como a agricultura familiar se encontra em nossa sociedade:

A agricultura familiar está inserida e envolvida por um conjunto de relações que determinam, em grande medida, sua dinâmica, espaço, desempenho e futuro (BUAINAIN, p.61).

Porém, um questionamento deve ser feito neste trabalho, de que forma estas características foram inseridas e incorporadas na agricultura familiar? Esta pergunta contém mais de uma resposta, mas nesta pesquisa vamos explicar apenas uma: a pluriatividade.

Pluriatividade no Meio Rural

Em muitas unidades familiares, evidencia-se um fenômeno chamado pluriatividade, no qual acontece a praticidade de atividades não-agrícolas realizadas por atores do meio rural. Este novo molde de trabalho é efetuado dentro ou fora da propriedade rural. Schneider (2003) define pluriatividade como:

Como fenômeno social e econômico presente na estrutura agrária de regiões e países, pode-se definir a pluriatividade como um fenômeno através do qual membros das famílias que habitam no meio rural optam pelo exercício de diferentes atividades, ou, mais rigorosamente, pelo exercício de atividades não-agrícolas, mantendo a moradia no campo e uma ligação, inclusive produtiva, com a agricultura e a vida no espaço rural. Nesse sentido, ainda que se possa afirmar que a pluriatividade seja decorrente de fatores que lhe são exógenos, como o mercado de trabalho não-agrícola, ela pode ser definida como uma prática que depende de decisões individuais ou familiares (SCHNEIDER, 2003).

Contudo, Schneider (2003) nos alerta sobre o reducionismo conceitual de pluriatividade. Para o autor, é um equívoco definir pluriatividade apenas como obtenção de renda externa à propriedade ou a realização de práticas não-agrícolas, pois existem outros fatores que implicam nas decisões dos agricultores em trabalhar fora da propriedade e, se a pluriatividade for vista apenas pelo foco do aumento ou aquisição de renda para a família, estas diversas causas que influenciam nas decisões de praticar ou não trabalhos externos serão ignoradas.

Silva (1997) enfatiza duas maneiras de identificar a pluriatividade:

a) através de um mercado de trabalho relativamente indiferenciado, que combina desde prestação de serviços manuais até o emprego temporário nas indústrias tradicionais (agroindústrias, têxtil, vidro, bebidas, etc); b) através da combinação de atividades tipicamente urbanas do setor terciário com o “management” das atividades agropecuárias (SILVA, 1997, p. 05).

Entretanto, a pluriatividade está muito presente na agricultura familiar. Silva (1997) ressalta que na dinâmica rural estão inseridas as mais diversas atividades: prestação de serviços pessoais, comércio, indústria (agroindústrias), turismo rural, lazer (através dos pesque-pague, hotéis-fazenda, chácaras), bens de saúde, etc. Com isso, pode-se inferir que o ambiente rural não é apenas um local de produção de alimentos, ou, nas palavras de Silvia (1997, p. 24) “não se pode caracterizar o meio rural brasileiro somente como agrário”.

Com estes argumentos a respeito da pluriatividade na agricultura familiar, é notório que este processo concedeu aos produtores familiares diversas e distintas características. E uma das consequências desta “promiscuidade”, é a hibridização cultural, que retrataremos a seguir.

Identidade Cultural da Agricultura Familiar

Com todas as características da agricultura familiar elucidadas anteriormente, bem como as diversas atividades realizadas pelos seus atores, pode-se inferir que na atualidade, a agricultura familiar possui uma faceta híbrida, ou seja, os produtores familiares possuem uma cultura e identidade híbrida. Antes de argumentarmos esta ideia, iremos nos reter na explicação dos conceitos identidade, cultura e híbridos.

Para explicitarmos o termo identidade, iniciaremos com o raciocínio de Ortiz (1996). Em seu pensamento, Ortiz (1996, p.79) utiliza a definição do termo identidade concebida por Levi Strauss:

A identidade é uma espécie de lugar virtual, o qual nos é indispensável para nos referirmos e explicarmos um certo número de coisas, mas que não possui, na verdade, uma existência real (ORTIZ, 1996.79).

A identidade é interpretada como a essência do indivíduo, algo que verdadeiramente é, que possui discernimento e fronteiras bem específicos, algo emancipatório. A identidade precisa de validade, algo que a ratifica, uma referência no qual ela se irradie. Estes referendos são variados como cultura, etnia, nação, cor ou gênero. A identidade é construída com base nestas dimensões (ORTIZ, 1996.p.77).

Hall (2003) explicita a questão da identidade de uma forma bem distinta de Ortiz. Hall (2003) evidencia três percepções de identidade: a identidade segundo a ótica do sujeito sociológico, iluminista e pós-moderno. Para este trabalho, focaremos na explicação do indivíduo pós-moderno. Este ator pós-moderno, é constituído por mais de uma identidade, ou seja, neste ser, estão implícitas várias identidades simultaneamente, que podem ser contraditórias ou não. Estas identidades possuem um caráter temporal, e são “construídas” e “destruídas” constantemente, são identidades fragmentadas, formatadas a partir do meio cultural em que o ator está inserido em um dado momento. Hall enfatiza que na modernidade existem múltiplos sistemas

culturais que propiciam diversas identidades que nós poderíamos nos identificar pelo menos temporariamente (HALL, 2003).

Após a explicação do termo identidade, elucidaremos o conceito de híbridos. Canclini (2006) em sua obra “Culturas Híbridas”, enseja que o conceito de híbridos é advindo da Biologia. Alguns pesquisadores criticam este termo, alegando a sua esterilidade no qual é empregado nas ciências biológicas. Entretanto, Canclini (2006) salienta que muitos conceitos foram importados de outras ciências para as ciências sociais, e não foram invalidados devido a sua significância de origem.

Apesar de híbridos serem associados na biologia como algo infecundo, nas ciências humanas seu emprego foi totalmente diferente. Segundo Canclini (2006) a noção de híbridos possibilita identificar e entender alianças fecundas, que geram novas práticas socioambientais, ou nas palavras de Canclini (2006,p.19): “Entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existem de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”.

Estes processos de hibridização podem acontecer de forma imprevista, através do turismo, de migrações, intercâmbios, etc. Mas também o hibridismo se materializa através de ações individuais na vida cotidiana, ou seja, na busca de desenvolver novos saberes e técnicas, na capacitação profissional, na renovação tecnológica de uma fábrica, entre outros.

Relativo ao conceito de cultura, vamos ressaltar as ideias de Zygmunt Bauman em sua obra Ensaio sobre o conceito de cultura. Bauman (2012) inicia sua ideia ressaltando o conflito existente neste conceito, pois cultura possui ao mesmo tempo um caráter conservacionista e mutável. Seu lado conservador preserva e se apresenta como ferramenta da perpetuidade, seu lado mutável representa o novo e a criatividade. A cultura possui em seu cerne a ordem e a desordem, e também possui uma faceta singularmente humana no aspecto que condiz que só o homem de todos os seres vivos tem atributos para lutar contra sua realidade e modificá-la, dando um sentido mais

profundo a sua vida, a liberdade, justiça e o bem, sendo estas finalidades coletivas ou individuais.

Quanto à definição do que é cultura, Bauman destaca que a criação de normas restritivas implica na criação de uma ordem cultural sendo a cultura uma espécie de gabarito comportamental tanto de indivíduos como de comunidades. A cultura é criada pelo homem e tem um papel importante na vida do mesmo, ela é criada pela liberdade, mas ao mesmo tempo limita esta liberdade, a dualidade existente no termo fica nítida quando o autor expressa essa ideia. Bauman define cultura como “a cultura humana é um sistema de significação e uma de suas funções universalmente admitidas é ordenar o ambiente humano e padronizar as relações entre os homens” (2012, p. 141).

Com os conceitos discutidos, tentaremos argumentar nossa posição. Assim como foi exposto anteriormente, a agricultura familiar e o mundo rural estão se urbanizando, através da prática de distintas atividades e estão inseridos no mercado econômico. Para que sua inserção no mercado e a praticidade de atividades não-agrícolas se concretizasse com “sucesso”, foi necessário que estes atores adquirissem diferentes saberes, habilidades e costumes. Buainain (2006) ressalta que a diversidade encontrada na agricultura familiar é provinda do meio social e cultural no qual estes atores estão inseridos.

Um fator preponderante do qual deriva-se a hibridização cultural do meio rural, é a sua inclusão no mercado. Essa entrada no mercado por parte da agricultura familiar faculta em uma incorporação de uma racionalidade distinta, ou seja, a racionalidade do capital, do lucro. Porém, este pensamento capitalista está implícito nos agricultores familiares mais capitalizados, já a interação no capital por parte dos agricultores com menos condições financeiras ocorre para a sua própria subsistência. Mas até mesmo o produtor familiar que se-infiltra no mercado por necessidade, deve adquirir novas características do sistema capitalista. Como exemplo destas duas situações, citamos dois casos: o agricultor familiar que visa o lucro se associa a grandes

empresas para aumentar seu poder aquisitivo, e simultaneamente existe o agricultor que se associa às associações ou feiras para vender seu produto para sua sobrevivência. Nota-se que em ambos os casos o agricultor estará “navegando” em um “campo” que não é o agrícola.

Canclini (2006) pressupõe três formas de hibridização: mestiçagem, sincretismo e crioulização. Neste momento utilizaremos apenas o conceito de mestiçagem. Segundo Canclini, mestiçagem seriam as “fusões” entre diferentes culturas. A mestiçagem é concebida no sentido biológico, casamento entre duas pessoas de diferentes culturas, como também é entendido como a mistura de hábitos, conhecimentos, costumes, etc. Um exemplo de mestiçagem pode acontecer nas práticas de turismo rural, abertura de comércio no meio rural (agroindústrias), chácaras para lazer, entre outros.

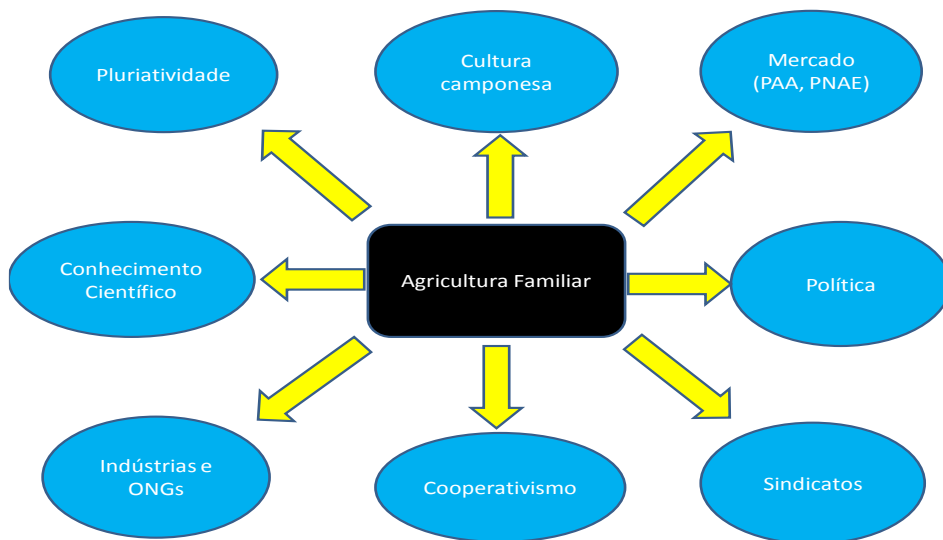
Outra questão perceptível da agricultura familiar são as várias identidades usadas por estes autores. A singularidade que existia no agricultor, de ser um indivíduo que produzia apenas para a subsistência, está se extinguindo. Na atualidade os produtores incorporaram diversas identidades, algumas por necessidade outras por exigência do meio cultural. Essa profusão de identidades exaltada por Hall, está acontecendo em toda a sociedade, e a agricultura familiar não “escapou” deste estereótipo. Muitas vezes, além de produtores, os agricultores familiares também são comerciantes, vendedores, negociadores, proprietários, administradores, etc. Estas diversas identidades estão incluídas na agricultura familiar, em grande parte esta aquisição de identidades se dá pela pluriatividade que está sendo praticada pela família rural.

É importante lembrar, que apesar desta constante hibridização cultural no ambiente rural, muitos costumes ainda não se perderam, porém foram incorporados em uma nova lógica, um novo hábito. Um exemplo são as produções de queijos e geleias. Estes produtos eram feitos apenas para consumo da própria família, hoje, muitas vezes, são feitos para a venda. Manteve-se o costume, mudou-se a lógica da produção.

Outros dois aspectos culturais que permeiam a agricultura familiar, é o conhecimento científico e a política. O primeiro é provindo dos filhos dos agricultores que estudam e voltam à propriedade trazendo novos saberes relativos à produção e administração da propriedade; o segundo resulta da luta da agricultura familiar. Essa identidade política colocou a agricultura familiar em um novo panorama e começou a ser um pouco mais valorizada no cenário atual.

Para concluirmos, a figura a seguir expõe as diversas conexões existentes na agricultura familiar, estas ligações são, em grande medida, responsáveis pela hibridização da identidade e cultura da agricultura familiar.

Figura 1: Redes que a agricultura familiar está inserida;



Fonte: Silvia (1997); Abramovay (1990); Abramovay *et al* (2005); Buanain (2006) Buanain *et al* (2003) Schneider (2003)
 Organização: Oliveira (2014);

Considerações Finais

Este trabalho demonstrou as características e atividades que foram incorporadas pela agricultura familiar. Esta promiscuidade que se instalou na

agricultura familiar, propiciou a hibridização da cultura rural e a incorporação, por parte dos seus atores, de diversas identidades.

Não podemos esquecer, que as diversas identidades adquiridas pela agricultura familiar é resultado de um processo de hibridização cultural, pois as nossas identidades, o ser “eu”, são formatados a partir do meio cultural que estamos incluídos. Com as hibridizações culturais do rural, as identidades adquiridas e formadas também possuem o mesmo caráter híbrido.

Para concluir, temos a percepção que a agricultura familiar possui uma identidade cultural híbrida, resultado dos diversos processos culturais que chegaram ao ambiente rural. Entendemos que, uma vez que o rural esteja estabelecendo ligações com os diversos setores da sociedade, estará fadado, ao hibridismo cultural.

Referência

ABRAMOVAY,R, *et al.* **Agricultura Familiar entre o Setor e o Território.** São Paulo.2005. Disponível em: <http://www.oikonomika.com.br/artigos/A_agricultura_familiar_entre_o_setor_e_o_territorio.pdf> Acesso em: 12 de jan.2014.

ABRAMOVAY,R. **De Camponeses a Agricultores: Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão.** 1990. 376,p. Tese.UNICAMP. Campinas.

BUAINAIN,A,M. **Agricultura Familiar, Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável: Questões para Debate.** Brasília.IICA:2006.

BAUMAN, Z. **Ensaio Sobre o Conceito de Cultura.** Rio de Janeiro, Zahar. 2012.

BUAINAIN,A,M. *et al.* **Agricultura Familiar e o Novo Mundo Rural.** Porto Alegre.2003. Disponível em : <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n10/18723.pdf> > Acesso em: 10 de jan.2014.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: Edusp, 2006.

FINATTO, R, A; SALAMONI,G. **Agricultura Familiar e Agroecologia: Perfil da Produção de Base Agroecológica do Município de Pelotas/RS.** Uberlândia.2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1982-45132008000200012&script=sci_arttext> Acesso em: 11 jan.2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A EDITORA, 7ª ed., 2003.

IBGE, **Censo 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>> Acesso em: 25 de Nov.2014.

MAZOYER, M; ROUDART, L. **História das Agriculturas no Mundo: Do Neolítico à Crise Contemporânea**. São Paulo: Unesp, 2010.

ORTIZ, Renato. Modernidade-mundo e identidades. In: ORTIZ, Renato. **Um outro território: ensaios sobre a mundialização**. São Paulo: Olho D'água, 1996.

SCHNEIDER, S. **Teoria Social, Agricultura Social e Pluriatividade**. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v18n51/15988.pdf>> Acesso em: 04 de jan.2014.

SILVIA, J.G. **O Novo Rural Brasileiro**. Belo Horizonte. 1997. Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Valeria/Pdf/O_novo_rural_brasileiro.pdf> Acesso em: 10 jan.2014.

TESCHE, R,W; MACHADO, J,A,D. **A Importância da Reciprocidade no Desempenho Socioeconômico da Agricultura Familiar**. Santa Cruz do Sul. 2012. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/cepe/article/view/1563>> Acesso em: 08 de jan.2014.